

RESENHA

Giovanni Arrighi, Adam Smith em Pequim: origens e fundamentos do século XXI.

Editora Boitempo. 2008

[Prefácio: Theotonio dos Santos. Tradutor(a): Beatriz Medina]

Ithering G. Alcoforado

O livro de Giovanni Arrighi, *Adam Smith em Pequim – Origens, e fundamentos do século XXI*, apresenta e aplica um *framework* para análise dos macro processos de desenvolvimento que se desenvolveu na interface do Ocidente com o Oriente, tanto do ponto de vista econômico como institucional. Ou seja, o livro nos chama atenção dos desdobramentos históricos de uma forma asiática de organização da produção, a partir do seu contraste com a versão dominante no mundo ocidental.

O *framework* aludido se ancora numa releitura da sociologia histórica de Adam Smith e de Carl Marx e se configura como o esboço de um quadro analítico operacional e de uma teoria do desenvolvimento, a partir dos quais estrutura sua análise institucional comparativa da trajetória de desenvolvimento do Ocidente, fundado na Revolução Industrial, com a do Oriente, ancorado na Revolução Industrial, para daí extrair seus argumentos que apontam a alternativa institucional chinesa.

Nesta direção, o primeiro componente do *framework* de Giovanni Arrighi é um redirecionamento da análise marxista da esfera da circulação dos valores, levada às últimas conseqüências por Andre Gunder Frank em

seu “Desenvolvimento do Subdesenvolvimento”, para a esfera da produção dos valores, no rastro de Mario Tronti, o renovador da análise marxista no refluxo de 68 que, sob a palavra de ordem “Marx em Detroit”, retoma a agenda marxiana original focada no processo de produção, tal como posto no livro I do Capital. Arrighi atende o chamado de Marx, vocalizado por Tronti, para deixar a “esfera barulhenta” do mercado e seguir o dono dos meios de produção” e, assim para redescobrir “não só como o capital produz, mas também como o capital é produzido”. (ARRIGHI, 2008, p. 65)

Sob esta palavra de ordem, Arrighi, focado no processo de produção, encontra-se com Smith em Pequim, a partir do que desvela as condições de possibilidades para uma renovação dos estudos marxistas no âmbito do desenvolvimento, a partir dos insights de Adam Smith.

Um outro elemento que vai compor seu *framework* é resultado do seu esforço de tornar mais palatável sua tese acima, o que é intentado por meio de uma releitura de Adam Smith, a partir de uma desconstrução da sua imagem como o suprassumo do liberalismo econômico, chamando atenção para a impertinência de considerarmos-lo como teórico e defensor: i) da “auto-regulação” do mercado; ii) do capitalismo como motor de expansão econômica “interminável”; e iii) da divisão técnica do trabalho, resgatando-o como o pai da economia política como ramo da ciência do estadista e do legislador”. (ARRIGHI, 2008, p. 76)

Nesta tentativa de requalificação de Adam Smith, recorre ao conceito de “arcabouço social” do “curso econômico dos acontecimentos” de Joseph Schumpeter, a partir do qual formula uma taxonomia das trajetórias de desenvolvimento econômico baseado no mercado: i) o tipo schumpeteriano ou marxiano (assim chamados a depender do contexto) é baseado na destruição do arcabouço social dentro do qual ocorre e a criação das condições (não necessariamente concretizadas) para o surgimento de novos arcabouços sociais com potencial de crescimento diferente, configurando o caminho europeu que Smith entendeu ser “antinatural e retrogrado”. e ii) o tipo smithiano que ocorre dentro de dado arcabouço social, configurando-se como “o curso natural das coisas”. (ARRIGHI, 2008, pp. 56/57 e 71)

O modelo smithiano é associado “a Revolução industriosa e ao desenvolvimento não capitalista baseado no mercado” enquanto que o modelo schumpeteriano/marxiano é vinculado por Arrighi “às noções de Revolução Industrial e desenvolvimento capitalista com base no mercado” (ARRIGHI, 2008, p. 101). Isto porque, para Arrighi, “por mais diferentes que pareçam, as concepções de desenvolvimento capitalista de Marx e Schumpeter, elas mais se completam que se contradizem [...] “As diferen-

ças entre Schumpeter e Marx dizem respeito basicamente às contradições e aos agentes que acabariam levando à superação do capitalismo como sistema social. Mas, no que diz respeito à dinâmica capitalista, eles simplesmente a observaram de pontos de vista diferentes e, assim, viram facetas diversas, mas compatíveis, do fenômeno. (ARRIGHI, 2008, p. 101)

Adentrando neste âmbito, trata, inicialmente, “da tendência capitalista de superar barreiras à auto-expansão do capital por meio da destruição “criativa” (e não tão criativas assim) dos arcabouços sociais em que antes se baseava a expansão econômica”; isso porque, segundo ele, “se há alguma coisa especificamente capitalista nesse processo de difusão da Revolução industrial [...] É isso sim, a auto-expansão do capital que está por trás do processo e abala constantemente qualquer equilíbrio [...] é o que mais tarde Schumpeter chamou de “destruição criativa” do capitalismo”. (ARRIGHI, 2008, pp. 57 e 92)

A análise que Schumpeter fala da destruição criativa do capitalismo. Segundo Arrighi, cobre apenas uma pequena parte do terreno de Marx, mas tem a vantagem de destacar idéias fundamentais que a linha de pesquisa de Marx não trouxe à luz ou tendia a obscurecer. Uma dessas idéias reside no conceito de prosperidade e de depressão como lados opostos do processo de destruição criativa”, as quais aglomeram-se no tempo e no espaço (ARRIGHI, 2008, p. 98 e 99). Isto porque, na descrição de Marx, essa destruição criativa assume três formas principais: aumento do volume de capitais e reorganização da empresa comercial; formulação de população excedente e nova divisão internacional do trabalho; e surgimento de novos e maiores centros de acumulação de capital, as quais se manifestam tanto na dimensão espacial, como na dimensão temporal. (ARRIGHI, 2008, pp. 92 e 94)

Do lado da dimensão espacial, Arrighi entende que, apesar das “expectativas otimistas” sobre o impulso interminável do capitalismo para ultrapassar todas as barreiras limitadoras, Marx teve de admitir historicamente que esse impulso havia sido submetido àquele tipo de restrição física e institucional que Smith enfatiza [...]. Portanto, até para Marx, a tendência à expansão interminável só se refere ao desenvolvimento do capitalismo em escala mundial, não no interior de um estado específico. (ARRIGHI, 2008, p. 98). Aqui ele vislumbra uma prática generalizada e enganosa de atribuir ao desenvolvimento capitalista, em nível nacional, características que, historicamente, pertencem ao desenvolvimento capitalista em nível global e vice-versa. A teoria da centralização do capital de Marx e da crescente divisão técnica do trabalho em unidades de produção

cada vez maiores, por exemplo, só é válida no nível global”. (ARRIGHI, 2008, p. 102)

O autor ressalta que, no entanto, isso só é verdadeiro quando lemos a sequência dos principais Estados como uma série de discretos episódios nacionais de desenvolvimento capitalista, espacial e temporalmente delimitados. Mas, se lemos essa seqüência, arremata Arrighi, como uma série de estágios interligados do desenvolvimento capitalista em escala mundial, obtemos um quadro diferente, que reitera a idéia do impulso do capitalismo para ultrapassar todas as barreiras limitadoras. Então conclui que, até para Marx, a tendência à expansão interminável só se refere ao desenvolvimento do capitalismo em escala mundial, não no interior de um Estado específico. (ARRIGHI, 2008, p. 98)

Isso converge com o fato de Marx ter “uma teoria do desenvolvimento do capitalismo em escala mundial”, mas não uma teoria do desenvolvimento nacional, a qual está apenas implícita e é, por isto, que, para ele, “não é tão claro o que Marx pensava da eficácia do processo na promoção do desenvolvimento econômico nos níveis nacional, regional e global.” (ARRIGHI, 2008, p. 86 e 90)

Pelo lado da dimensão temporal, Arrighi mostra que “a idéia de que a acumulação de capital ao longo do tempo tende a reduzir a taxa de lucro, acabando ora dando fim à expansão econômica, não é de Marx, mas de Smith. Para Marx, essa tendência é real, mas não é, de modo algum, obstáculo insuperável para uma nova expansão, como é para Smith. (ARRIGHI, 2008, p. 92) por meio do que abre uma janela de oportunidade para os estudos comparados dos macro processos históricos de desenvolvimento do Ocidente com sua Revolução Industrial apoiada no desenvolvimento capitalista, e do Oriente, com sua Revolução Gloriosa.

Por fim, ao confrontar essas duas estratégias, destaca a “Grande Divergência, entre o caminho europeu e o caminho asiático, representados emblematicamente pela Inglaterra e pela China, e argumenta que a versão do modelo chinês de desenvolvimento econômico (não capitalista) com base no mercado é o mais aconselhável a ser promovido pelos governos. (p. 81)